

Laço – (re)performar o afeto

Laço – (re)performing affection

DANIEL MEIRINHO

Instituição/Afiliação
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Programa de Pós-Graduação em Estudo das Mídias PPgEM
País Brasil
Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN). Pós-doutorado em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ). Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa (UNL, Portugal). Mestre em Comunicação e Artes pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH UNL, Portugal). Desenvolve pesquisas na área das artes visuais, com ênfase em cultura visual, fotografia, decolonialidade e raça.

RESUMO

Laço foi uma ação colaborativa e “tática” coletiva que surgiu do questionamento da relação entre arte, corpo, cidade e do afrouxamento dos laços de afeto aí implicados. Trata-se de uma documentação fotográfica e expansão visual da intervenção performática de apropriação simbólica do Forte dos Reis Magos, marco inicial da cidade de Natal.

Palavras-chave: Fotografia, Cidade; Corpo; Afeto; Pertencimento

ABSTRACT

Laço was a collaborative and collective “tactic” action that arose from the questioning of the relationship between art, the body, the city and the loosening of the bonds of affection involved therein. It is a photographic documentation and visual expansion of the performatic intervention of Forte dos Reis Magos symbolic appropriation, the initial landmark of the city of Natal.

Keywords: Photography, City, Body, Affection, Belonging

A intervenção performativa *Laço – (re)performar o afeto*, ocorrida em 2018, na cidade de Natal, reconfigura as relações existentes entre a arte, o corpo, o espaço urbano e o patrimônio histórico memorial, através das efemeridades e fragilidades presentes na consolidação dos laços afetivos implicados nestes vínculos. Cerca de 80 artistas locais, pesquisadores, estudantes de artes, comunicação e moradores da cidade promoveram um “abraço” afetivo ao patrimônio histórico-cultural do Forte dos Reis Magos, localizado na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. O monumento integra um conjunto urbanístico de grande expressão cultural da cidade e encontra-se atualmente com inúmeros problemas de conservação. Ao “abraça-lo”, a intervenção tanto redesenhou temporariamente a paisagem, instalando-se como ação poética disruptiva e performática no espaço urbano, quanto buscou, como um instrumento crítico e de autenticidade que aciona outras possibilidades de presença corporal na cidade. A ação reafirma a compreensão da arte como experiência, ferramenta de conscientização e instrumento de transformação performática.

O registro visual da vivência performática questiona uma experiência corporal coletiva em torno dos lugares cenários desapropriados de corporeidade e afetividade (JACQUES, 2007). As tensões resultantes dos processos de degradação e abandono sofrido pelas políticas públicas urbanas se inter cruzam ao esvaziamentos da relações afetivas entre os corpos-cidadãos e as cidades-contemporâneas. A imagens amplificam um ato de micro-resistência crítica e ativista (MOUFFE, 2020) de oposição ao corpo e ao território mercadoria, produto da sua própria forma de espetacularização e especulação. Os espaços urbanos e públicos da cidade de Natal operam sob uma lógica de consumo mercadológico e forte apelo turístico que confere aos ambientes princípios segregatórios e despolitizados. A reocupação deste marco simbólico problematiza as ações de descaso e privatização da administração pública local que tem influenciado as relações íntimas e vínculos de autenticidade estabelecidos entre os seus habitantes e o patrimônio histórico-cultural.

A ação poética apresentada na fotografia performada (AUSLANDER, 2019) provoca indagações em torno de uma ação de insurgência coletiva aos afrouxamentos dos laços afetivos que entrecruzam a comunidade e os espaços urbanos constitutivos a partir de sua identidade e do sentido de pertencimento. As imagens não se restringem ou se isolam a uma função única de reconstituição da ação performática do evento originário, mas sim de uma construção cênica representativa e autêntica a partir de uma documentação visual interna, na qual foi feita e pensada para ser documentada. Uma percepção que apenas observa, mas articula uma experiência de interação com a intervenção artística para além da efemeridade do momento. As fotografias ampliam intervenção performativa dando uma vida autônoma e expandida à representação da ação artística e de suas corporeidades e territorialidades.

As imagens do *Laço* expressam uma compreensão da arte como modelagem social a partir das lógicas e estruturas que nos cercam. A “corpografia urbana” (BRITTO e JACQUES, 2009), das fotografias expressam uma vivência interativa performática de um corpo-cidadão inscrito

no espaço urbano que extrapola as escalas de apropriação e temporalidade. As imagens foram expostas em 2018 na Galeria do Departamento de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e reconstroem a ação colaborativa a partir de uma instalação que apresentou fotografias^[1], paisagens sonoras, audiovisuais e objetos cênicos. Entre as múltiplas estratégias de ativismo e contestação o *Laço* ativar questões políticas e indenitárias, a partir de uma experiência estética que organiza presenças e corporificações. São com base nas modelações “estéticas relacionais” (BOURRIAUD, 2009, p. 21) que aproximam a arte das dimensões operativas micro e macropolíticas. São práticas estéticas vistas a partir das ações micropolíticas (ROLNICK, 2008) que se anunciam no campo do sensível e se estruturam em um sistema de produção de sentido simbólico em que o caminhar pelo Forte dos Reis Magos e o “abraço” coletivo através do laço amarelo de tecido tornam estratégias autênticas de representação e visibilidade de lugares e presenças.

São endereçamentos desta condição de apagamento de laços. Se “os jogos dos passos moldam espaços, tecem os lugares” (CERTEAU, 2014, p.176), a caminhada pelo patrimônio se propôs alinhar corpos e espaço, numa nova teia de afetos, repondo outros futuros para os vínculos com esses marcos e edificações históricas. Dentro de sua lógica afetiva, a ação *Laço* quis reacender as possibilidades de reconstrução dos afetos entre o patrimônio público e a comunidade que constrói sua própria história. São insurgências que implicam uma crítica temporal ao presente, à cultura e à própria arte, “promovendo um processo desconstrutivo das formas predominantes” (CIOTTI, 2018, p. 9).

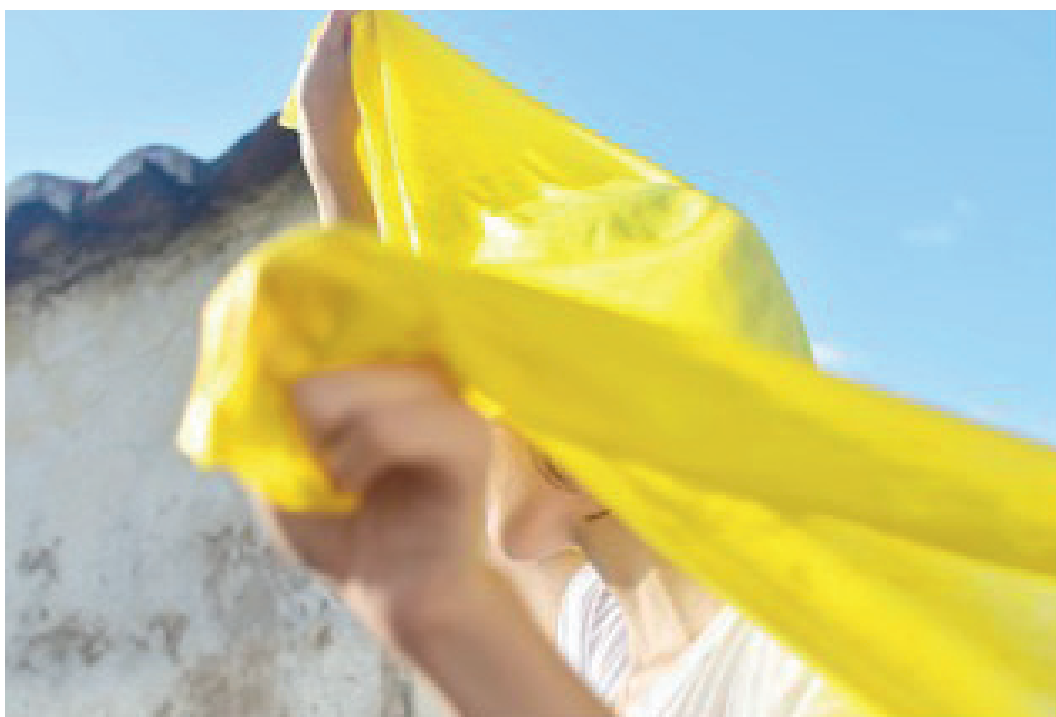
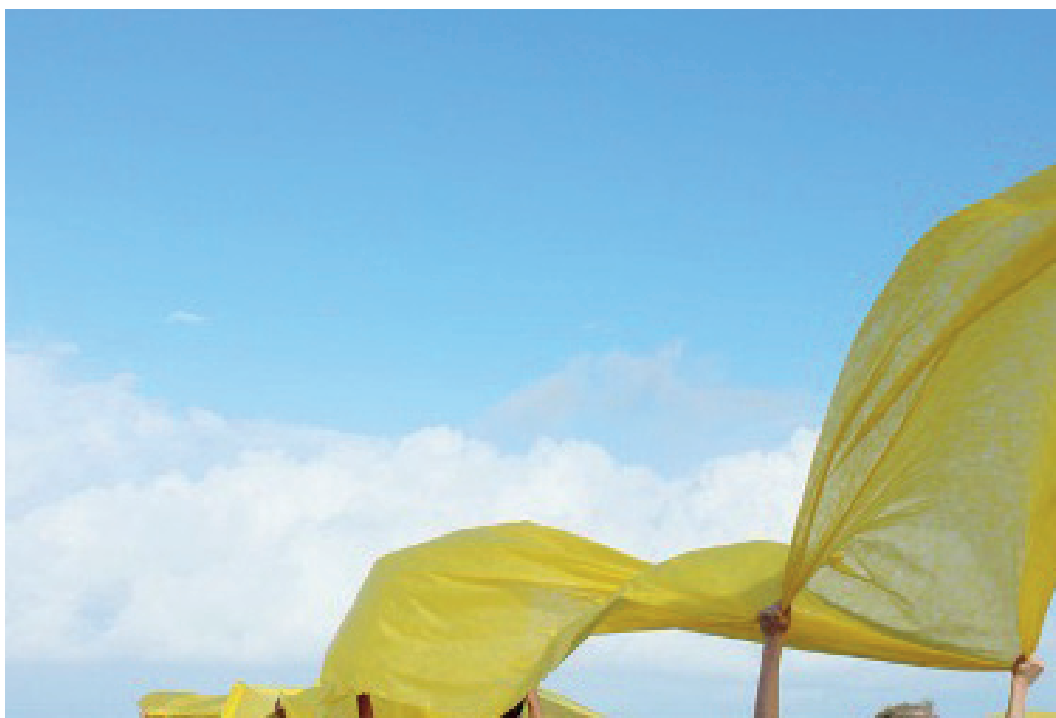
As imagens da ação performática alargam o questionamento da arte em contexto como um modo de articulação coletiva de indivíduos implicados a mudarem a sua própria realidade. A quebra de uma estrutura hegemônica racional, sem vida, e que marca uma política local de esquecimento dos seus marcos simbólicos e equipamentos culturais que dependem dos vínculos de memória e afetos para sobreviver.

A intervenção performática foi uma proposição e organização da artista visual e pesquisadora Regina Johas e o relato visual e fotografias de Daniel Meirinho, que em conjunto realizaram a curadoria da instalação *Laço – (re)performar o afeto*. Ao adotar a concepção da arte como dispositivo, a ação artística coletiva se manifesta como processo que mapeia filiações institucionais e discursivas de corpos que se movem em uma rede de significados (MEYER, 1995). As imagens do *Laço* propõe pensarmos políticas emancipatórias em que a crítica, nesse contexto, surge como uma possibilidade de deslocamento e de formas não-dialéticas de resistência a partir de uma articulação de afetos.











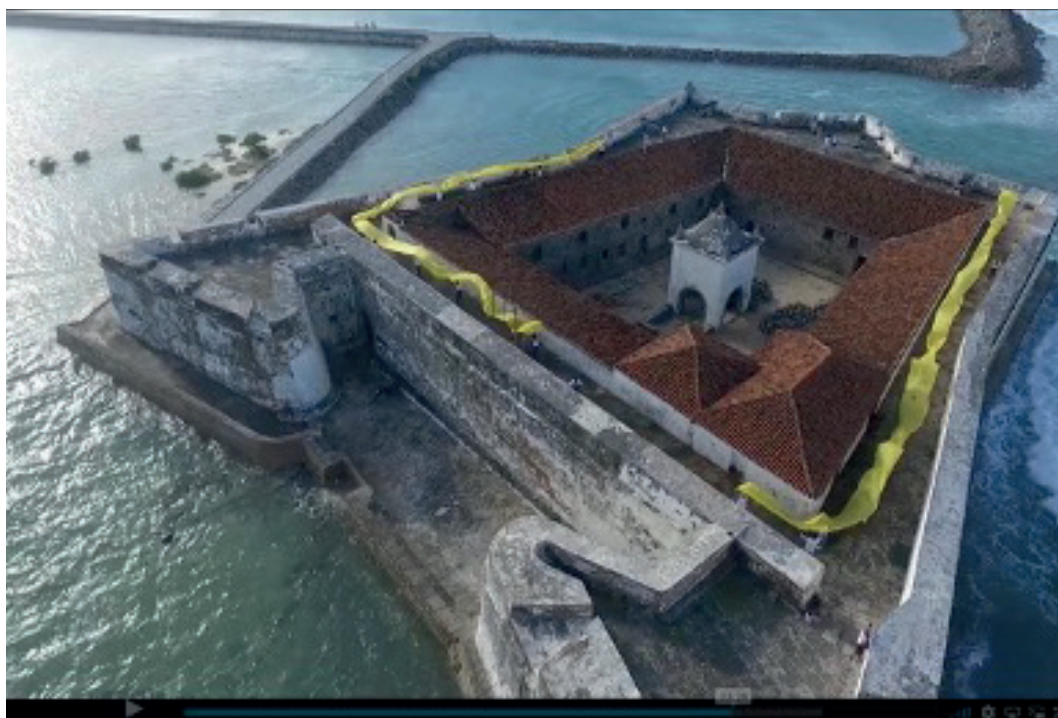












Vídeo Laço (re)performar o afeto

Fonte: <https://vimeo.com/276497738>

REFERÊNCIAS

AUSLANDER, Philip. A performatividade da documentação de performance. **Poiésis**, v. 20. n. 33 jan./jun. pp. 337-352, 2019.

BOURRIAUD, N. **Estética relacional**, São Paulo: Martins, 2009.

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Corpocidade: arte enquanto micro-resistência urbana. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21, p. 337-349, 2009.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Editora Vozes, São Paulo: 2014.

CIOTTI, Naira. “A delicadeza que nos mobiliza a estarmos juntos como uma forma de afeto”, in: **Reperformar o afeto: Professores Performers**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328410298_REPERFORMAR_o_Afeto_professores_performers_versao_beta. Acesso em 13.04.2020.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas: o corpo enquanto resistência. **Cadernos PPGAU-FAUFBA. Resistências em espaços opacos**. Ano, v. 5, p. 93-104, 2007.

MEYER, James. “The Functional Site; Or, The Transformation of Site-Specificity”. In: SUDERBERG, Erika (ed.). **Space, Site, Intervention: Situating Installation Art**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.

MOUFFE, C. Artistic Activism and Agonistic Spaces. *Art & Research: a journal of ideas, contexts and methods*, London, v. 1, n. 2, 2007. Disponível em: <[http:// www.artandresearch.org.uk/v1n2/mouffe.html](http://www.artandresearch.org.uk/v1n2/mouffe.html)>. Acesso em: 27 de agosto de 2020.

ROLNIK, Suely. Desentranhando futuros. **ComCiência**, Campinas, n. 99, 2008. Disponível em <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542008000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 jun. 2021.

-
- [1] A instalação *Laço – (re)performar o afeto* contou com 22 fotografias impressas em papel vegetal 40x60, uma vídeo-arte de 4’42” sem áudio, uma instalação sonora com áudios de vento e mar e o laço amarelo de cetim utilizado na intervenção performática colaborativa.

